



# NA BUSCA POR INÉDITOS-VIÁVEIS ATRAVÉS DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA<sup>1</sup>

Rielly de Cássia Oliveira<sup>2</sup>  
Elaine Prodócimo<sup>3</sup>

## INTRODUÇÃO

Instigadas pelas luzes do agir docente, na busca por uma educação libertadora, optamos por construir nossa linha de pensamento na forma de uma narrativa reflexiva pois, em concordância com Prado (2011), acreditamos que, ao escrever essas linhas, nos recordamos do que foi vivenciado e, com isso, refletimos sobre nossa prática, permitindo novos olhares, novas aprendizagens. Assim, ao manifestar a realidade vivenciada, criamos ferramentas para intervir e transformar (PRADO, 2011, p. 151), fortalecendo as palavras de Freire (2013) de que narrar-se é se colocar no mundo.

Pautadas no diálogo com Paulo Freire, tomamos como ponto de partida as situações vivenciadas durante o segundo ciclo<sup>4</sup> do Programa Residência Pedagógica (RP), assumindo nossa postura crítica frente às injustiças sociais e a crise sanitária, política e ambiental pela qual estamos passando. Pretendemos, aqui, narrar os caminhos trilhados neste processo, ainda na formação docente, em um relato de experiência, apontando os desdobramentos, situações limites e a busca pelos inéditos viáveis durante a participação no programa em tempos pandêmicos.

Fortalecendo nosso direito de ser mais<sup>5</sup>, acreditamos que as possibilidades vivenciadas só foram possíveis devido às peculiaridades do nosso projeto que, contemplados pelo edital 2020, abraçou de maneira interdisciplinar os cursos de Educação Física e Geografia da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, permitindo que nossas áreas de atuação se dialogassem ao longo desses meses de duração do programa. Neste subprojeto, foram

---

<sup>1</sup> O programa Residência Pedagógica conta com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Educação Física da Universidade Estadual De Campinas – UNICAMP, [rielly.oliveira10@gmail.com](mailto:rielly.oliveira10@gmail.com);

<sup>3</sup> Professor orientador: Professora Livre Docente do Curso de Educação Física da Universidade Estadual de de Campinas – UNICAMP, [elaine@fef.unicamp.br](mailto:elaine@fef.unicamp.br).

<sup>4</sup> O RP tem duração total de 18 meses, se dividindo em três ciclos de seis meses cada. No primeiro, é voltado para observação, no segundo há uma participação mais ativa e no terceiro, há o processo de regência das aulas.

<sup>5</sup> É a busca curiosa sobre si mesmo e sobre o mundo, onde nos reconhecemos seres humanos pertencentes ao mundo e que não devemos ter nossa realidade determinada por estruturas inatas; a busca pelo ser mais consiste na busca incessante pela liberdade.



contemplados 16 bolsistas residentes, sendo 8 do curso de Educação Física e 8 do curso de Geografia, 3 professores/as coordenadores/as e 2 professores/as receptores, sendo que nosso cenário de atuação consiste em uma escola da rede estadual da cidade de Campinas – SP. Essa escola abrange estudantes do Ensino Médio e faz parte do Programa de Ensino Integral (PEI)<sup>6</sup>, o que permitiu e vem permitindo nossa atuação crítica dentro das salas de aulas, ainda que virtualmente, devido ao contexto de pandemia de COVID-19 instaurada mundialmente.

Cabe aqui, apontarmos dois conceitos norteadores para nossa narrativa desenvolvidos por Paulo Freire (2013), em seu livro *Pedagogia do Oprimido*<sup>7</sup>: situações limites e inéditos-viáveis. O primeiro, trata-se de uma imposição dada pela realidade que visa impedir as possibilidades do ser mais, porém, através da escuta atenta e de olhares dialógicos, se tornam aberturas para o surgimento de novas possibilidades, assim,

[...] esta é a razão pela qual não são as ‘situações-limites’, em si mesmas, geradoras de um clima de desesperança, mas a percepção que os homens tenham delas num dado momento histórico, como um freio a eles, como algo que eles não podem ultrapassar (FREIRE, 2013, p. 58).

Freire (2013) nos alerta para que não vejamos essas situações limites como barreiras intransponíveis, mas como possibilidades de ação e reflexão para e com o/a outro/a. É neste sentido que revelamos nossa postura revolucionária e de resistência, pois, ao superarmos essas situações que aparentam ser determinantes à nossa existência, agimos como sujeitos conscientes, capazes de intervir e lutar pelo ser mais, constituindo os inéditos-viáveis, que se apresentam como práxis<sup>8</sup>, possibilidade de ação, do que antes era sonho e se torna possível, ou seja, uma utopia que é alcançada, como relata Freire (2015).

## **OS CAMINHOS TRILHADOS NO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA**

Em breve contextualização, o RP apresenta-se como possibilidade de aproximação e de troca mútua entre dois ambientes, escola e universidade, que, por vezes, se distanciam, como descreve De Freitas (2020). O programa se divide em ciclos, que permitem a inserção gradativa do/a residente no contexto escolar, passando por momentos de observação e regência,

<sup>6</sup> As escolas PEI apresentam uma proposta que vai além do ensino regular, trazendo conteúdos socioculturais e uma formação integral do/a estudante, através de habilidades, competências e atitudes consideradas pertinentes. Para isso, é composta de diferenciais, tais como o protagonismo juvenil, projeto de vida e disciplinas eletivas, que visam a formação para além da sala de aula, como descrito nas Diretrizes do Programa de Ensino Integral (SÃO PAULO, 2012).

<sup>7</sup> O livro *Pedagogia do Oprimido* teve sua primeira publicação em 1968.

<sup>8</sup> Para Freire (2013), a práxis é a união da teoria e ação, assim, não existe palavra verdadeira que não seja práxis, pois as palavras apenas ditas, sem fundamentos, são alienadas e alienantes.



permitindo que estudantes de graduação deem seus primeiros passos em direção a atuação docente. Apoiadas em Freire (2002), acreditamos que a possibilidade de participação no Residência Pedagógica contribui com o processo de *dodiscência* em que, guiados/as pelo conhecimento existente e por aquele em construção, educadores/as e educandos/as fortalecem um ciclo dialógico, pautado em ensinar, aprender e pesquisar suas práticas, por meio da comunhão que se estabelece entre os/as sujeitos/as.

Ao encontro disso, reconhecemos que a possibilidade de atuação acompanhada pelos/as professores/as da instituição escolar, permitiu que vínculos fossem criados, mesmo em situação de pandemia, o que gerou, inicialmente, uma sensação de insegurança e incerteza, pois o contexto distinto do conhecido causava estranhamento e exigia uma postura mais flexível e sensível levando em conta os recursos disponíveis e a situação social e familiar dos/as estudantes. Não era possível cobrar por atividades atrasadas, presença nas aulas remotas e participação ativa quando não sabíamos sobre a situação dentro da casa de cada estudante.

Diante dessa situação limite, entendemos que “o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente lido, interpretado, escrito e reescrito” (FREIRE, 2002, p. 60). Era necessário estar sensível aos atravessamentos, para que fossemos capazes de ler as formas, sinais e silenciamentos instaurados no ambiente escolar, criando possibilidades de agir coletivamente, distanciados de uma educação bancária, em que, ainda de acordo com Freire (2013), há um depósito de conhecimento sobre o/a estudante, desconsiderando seus saberes e sua realidade. O cenário escolar era palco para as adversidades enfrentadas durante esse momento delicado que estávamos enfrentando, estudantes passaram a trabalhar para ajudar em casa, outros não apareciam nas aulas e o contato se tornava cada vez mais distante. Diferente de qualquer momento já enfrentado pelos/as professores/as e por nós, este exigia olhares mais atentos para as situações que vinham sendo escritas.

Neste sentido, notamos a importância das trocas e fortalecimentos entre pares, que ocorreu entre os/as residentes e professores/as do projeto, preceptores/as e coordenadores/as, o que Freire (2013) chama de ato responsável, ou seja, é através do relacionamento com o/a outro/a que se provoca um pensamento crítico frente a um processo instaurado, possibilitando o reconhecimento do nosso inacabamento e evidenciando nosso papel na construção social. Nosso agir docente se constituiu na situação implantada, em que os medos aflorados eram comuns entre todos/as os/as agentes. No processo de comunhão, estabelecemos em nossos encontros da equipe do RP, leituras e reflexões sobre documentos norteadores, currículos e afins, possibilitando um maior entendimento sobre as políticas que atravessam a realidade escolar.



Buscamos uma atuação mais leve, porém não menos crítica, em que queríamos manter por perto os/as estudantes, assim, através de grupos de mensagens, contato frequente e registros criados pelos/as estudantes, pudemos realizar uma aproximação, ainda que virtual.

Como segunda situação limite, encontramos as barreiras impostas devido a demanda do ensino remoto, em que apenas os agentes da rede estadual tinham acesso às ferramentas disponibilizadas, dessa forma, nós, residentes, ficamos de fora da participação das aulas regulares, o que acabou gerando uma nova possibilidade de atuação: a criação de uma disciplina eletiva que compusesse o currículo dos/as estudantes, tendo em vista que a escola que nosso projeto se insere, faz parte do Programa de Ensino Integral, permitindo a criação de espaços para a mobilização e agir docente e, em um processo gradual, encontramos ferramentas para uma ação coletiva e autônoma.

Nossa disciplina, intitulada “Cidade em Movimento”, tinha como objetivo central estudar as práticas de lazer e sua disposição dentro da cidade de Campinas, buscando realizar um mapeamento das possibilidades de práticas corporais, os acessos e, principalmente, a falta destes na realidade dos/as estudantes e unindo saberes das duas áreas envolvidas no projeto: Educação Física e Geografia. Neste sentido, buscamos rotas para o desvelamento da realidade, problematizando as políticas e intencionalidades por trás de cada assunto que surgia ao longo das aulas: quais são os espaços de lazer frequentados pelos/as estudantes? Onde ficam localizados? Quais os espaços de lazer da cidade? Quais as formas de acesso? Onde ficam os pontos de ônibus? Quem tem acesso a determinados espaços de lazer? Discutimos não somente sobre o que é público ou privado, mas também sobre os espaços que são negados e restritos, seja a uma classe, um grupo ou um gênero. Essas discussões possibilitaram a participação de um convidado na eletiva, que trouxe sua experiência como atleta paralímpico da modalidade de *Rugby* em Cadeira de Rodas e sobre sua experiência como cidadão em uma cidade com pouca ou nenhuma infraestrutura acessível. A construção dessa disciplina eletiva em diálogo entre as duas áreas, Educação Física e geografia e, principalmente, em diálogo com a realidade dos/as estudantes, possibilitou uma ampliação da nossa visão de mundo, em que, em uma troca mútua, os saberes foram sendo construídos conjuntamente por todos/as nós, revelando nosso desejo por uma educação pautada na troca, partilha e dialogicidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Caminhamos para o final da disciplina com a sensação de que estávamos trilhando os caminhos certos, onde apesar da evasão, os/as estudantes enfrentaram as barreiras conosco,



residentes e professores/as, em um sinal de união e companheirismo. Sentimos que as situações limites que foram impostas à nossa realidade, através de muito diálogo e trocas, foram superadas, possibilitando ações críticas condizentes com a realidade de cada estudante que se fazia presente nas salas virtuais. Essa experiência, em momento tão delicado e singular, possibilitou que nossos olhares fossem mais atentos, principalmente às adversidades do lado de fora da escola, compreendendo os/as estudantes como seres pertencentes a uma realidade, atravessados por culturas, princípios e responsabilidades, a quais, até então, não conhecíamos. Nossa formação docente, através da experiência no programa se fortaleceu, intensificou e seguramente, se tornou mais crítica, florescendo o desejo por seguir nessa luta diária que é ser professor e professora, da rede básica em um contexto que muitas vezes nos oprime e tenta nos impedir de ser mais.

**Palavras-chave:** Paulo Freire; formação docente; Ensino Integral; Escola Pública; narrativa.



## REFERÊNCIAS

DE FREITAS, Mônica Cavalcante; DE FREITAS, Bruno Miranda; ALMEIDA, Danusa Mendes. Residência Pedagógica e sua contribuição na formação docente. **Ensino em Perspectivas**, v. 1, n. 2, p. 1-12, 2020.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Inédito Viável. *In*: STREACK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. Dicionário Paulo Freire. **Autêntica**, 2015, p. 223.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. **Coletivo Sabotagem**, 2002.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. **Paz e Terra**, 2013.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; FERREIRA, Cláudia Roberta; FERNANDES, Carla Helena Fernandes Helena. Narrativa pedagógica e memoriais de formação: escrita dos profissionais da educação?. **Revista Teias**, v. 12, n. 26, p. 11, 2011.

SÃO PAULO, Governo do Estado. **Diretrizes do Programa Ensino Integral**. 2012